

Da contemplação dos livros à imersão dos *tablets*: a prática da leitura na sociedade contemporânea

Robson Arthur Sarmiento MACEDO¹

Resumo

Na história da sociedade ocidental, a forma de ler livros e os processos cognitivos que envolvem essa prática mudaram consideravelmente. Hoje, há três tipos de leitores, segundo Lúcia Santaella: o contemplativo, o errante, e o imersivo. A relação que cada tipo de leitor tem com os textos e seus suportes é única. Nesse cenário, é pertinente perguntar: qual suporte está mais adaptado para cada um desses leitores e suas respectivas cognições? O livro e os *tablets* necessitam das mesmas aptidões cognitivas para serem usados? Como a materialidade dos suportes pode afetar a cognição dos leitores? Essas são algumas das questões sobre as quais este artigo pretende refletir.

Palavras-chave: Materialidades da Comunicação. Cognição. Leitura. Livros. *Tablets*.

Introdução

A leitura não é um ato único. Há várias possibilidades de leitura de textos, em especial na contemporaneidade, onde essa leitura é feita nos mais variados suportes, desde uma minúscula tela de *smartphone* até um *desktop* de 24 polegadas. Se fizermos um apanhado histórico do ato de ler, veremos que essa prática já sobreviveu a muitas mudanças, tanto no modo de escrever quanto na cognição de quem lê. Os modos de ler foram mudando ao longo do tempo e os suportes que surgiram exigiram dos leitores novas cognições.

Desde que o livro se tornou mais popular e acessível, a partir dos tipos móveis de Gutenberg, o leitor vem criando práticas de leitura com o *códex*². No entanto, o contexto

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS). E-mail: robson.arthur@gmail.com.

onde esse leitor e esse suporte estiveram inseridos vem se modificando ao longo do tempo. Por conta da revolução industrial, o homem deixou de ser rural e passou a viver em ambientes urbanos, dinâmicos e velozes. Em meados do século XIX, “cidades como Paris e Londres foram modelos de grandes transformações que vieram trazer consequências profundas no modo de viver das pessoas” (SANTAELLA, 2004. p. 24-25). Tudo isso modificou o modo do homem se relacionar com a informação e com a prática da leitura.

Recentemente, o contexto de leitura foi novamente sacudido com a “era digital”. A partir da digitalização da informação, o leitor passou a ter acesso muito rápido e fácil a uma gama de conteúdos até então inimaginável. “Tendo na multimídia seu suporte e na hipermídia sua linguagem, esses signos de todos os signos estão disponíveis ao mais leve dos toques, no clique do *mouse*” (SANTAELLA, 2004. p. 32). Uma das maiores consequências dessas mudanças contextuais foi o surgimento de três tipos de leitores: o contemplativo, o movente ou errante e o imersivo (SANTAELLA, 2004).

Cada tipo de leitor tem uma cognição diferente, adaptada ao seu tempo. No entanto, essas cognições não se anulam e nem se sobrepõem uma às outras.

Embora haja uma sequencialidade histórica no aparecimento de cada um desses tipos de leitores, isso não significa que um exclui o outro, que o aparecimento de um tipo de leitor leva ao desaparecimento do tipo anterior. Ao contrário, não parece haver nada mais cumulativo do que as conquistas da cultura humana. O que existe, assim, é uma convivência e reciprocidade entre os três tipos de leitores, embora cada tipo continue, de fato, sendo irredutível ao outro, exigindo, aliás, habilidades perceptivas, sensório-motoras e cognitivas distintas (SANTAELLA, 2004. p. 19).

Atualmente, as cognições dos três tipos de leitores são colocadas à prova. Além do livro, é possível fazer leituras nas telas dos computadores, em *tablets* e *e-readers*. Cada suporte tem suas características próprias e cada um estimula a cognição de um tipo de

² Segundo definição na Wikipédia, “Os códices (ou *codex*, da palavra em latim que significa ‘livro’, ‘bloco de madeira’) eram os manuscritos gravados em madeira, em geral do período da era antiga tardia até a Idade Média. Manuscritos do Novo Mundo foram escritos por volta do século XVI. O códice é um avanço do rolo de pergaminho, e gradativamente substituiu este último como suporte da escrita. O códice, por sua vez, foi substituído pelo livro impresso”. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3dice>>. Acesso em 27 nov. 2011.

leitor. Mas é possível desenvolver as diferentes cognições transitando entre os diversos suportes.

O primeiro leitor descrito por Santaella (2004) é o leitor contemplativo. Ele nasce de práticas estabelecidas para a leitura de livros a partir do século XII. Se antes a leitura era feita com uma liturgia grupal, onde um lia e muitos ouviam, foi a partir de “modificações intelectuais e sociais provocadas especialmente pela fundação de universidades e pelo desenvolvimento da instrução entre leigos” (SANTAELLA 2004, p. 20), que a leitura passou a ser silenciosa, reservada a lugares silenciosos e onde a concentração se fazia necessária. “Com a leitura silenciosa, o leitor podia estabelecer uma relação sem restrições com o livro e com as palavras, que não precisavam mais ocupar o tempo exigido para pronunciá-las” (SANTAELLA, 2004, p. 20).

Essa cognição se fixou também por questões técnicas de impressão a partir dos tipos móveis de Gutemberg, que permitiram a produção em série dos livros – objetos, até então, restritos a mosteiros e outros estabelecimentos eclesiásticos – e, conseqüentemente, maior acessibilidade para o resto da população. Isso fixou o modo de ler silencioso e individual. O leitor contemplativo trata a leitura como algo diferenciado, algo único. O livro ganha então uma camada simbólica, o objeto livro passa a representar, no imaginário das pessoas, o próprio conhecimento que suas páginas contêm. Segundo Santaella (2004, p.23),

Esse tipo de leitura nasce da relação íntima entre o leitor e o livro, leitura de manuseio, da intimidade, em retiro voluntário num espaço retirado e privado, que tem na biblioteca seu lugar de recolhimento, pois o espaço de leitura deve ser separado dos lugares de um divertimento mais mundano.

O leitor contemplativo, então, é um leitor que tem um envolvimento muito maior com o livro, sua leitura é “essencialmente contemplação e ruminação, leitura que pode voltar as páginas, repetidas vezes, que pode ser suspensa imaginativamente para meditação de um leitor solitário e concentrado” (SANTAELLA, 2004, p. 24).

O segundo tipo de leitor, o movente, nasce junto com a revolução industrial e com o rápido crescimento das cidades. Com o êxodo rural, os grandes centros urbanos passaram a ter muito mais moradores, que vieram atender a demanda de mão de obra para os parques

industriais em expansão. Essas pessoas precisavam circular pela cidade, um ambiente novo e em constante transformação. Para facilitar o tráfego urbano, foram desenvolvidos sistemas de sinalização, com indicações e sinais. A publicidade, até então recém consolidada como prática, também começa a bombardear de informação esse novo leitor da cidade.

O leitor movente, dessa maneira, passa a estar ligado ao efêmero, ao dinâmico, à velocidade urbana. O seu tempo frenético dificultava a concentração e a ruminação, tão características do leitor contemplativo. Esse cenário foi propício para o surgimento de vários formatos de impresso, tais como revistas, jornais e os livros de bolso. Assim, o leitor contemplativo passar a coexistir com o leitor movente, sem, no entanto, um anular ou sobrepor-se ao outro.

O leitor do livro, meditativo, observador ancorado, leitor sem urgências, provido de férteis faculdades imaginativas, aprende assim a conviver com o leitor movente; leitor de formas, volumes massas, interações de forças, movimentos, leitor de direções, traços cores; leitor de luzes que se acendem e se apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo (SANTAELLA, 2004, p.30).

Esse novo leitor que surge não é melhor, nem pior que o leitor contemplativo. Ele apenas vê o mundo de forma diferente, já que novas habilidades de leituras foram acrescentadas ao seu repertório cognitivo. Essa nova cognição permite que esse leitor possa transitar entre várias linguagens “passando dos objetos aos signos, da imagem ao verbo, do som para a imagem com familiaridade imperceptível” (SANTAELLA 2004, p.31).

O terceiro leitor proposto por Santaella (2004) é o leitor imersivo, que representa o leitor da era digital, o leitor do universo binário dos computadores, o leitor das telas. A lógica do leitor imersivo é a não linearidade, pois ele “é obrigatoriamente mais livre na medida em que, sem a liberdade de escolha entre nexos e sem iniciativa de busca de direções e rotas, a leitura imersiva não se realiza” SANTAELLA (2004, p.33). O leitor imersivo não somente lê, ele navega, “surfa” nas informações da rede. Ele é multimídia, sua cognição permite ler, ouvir música e ver vídeos sobre determinado assunto e aprender das três formas.

Trata-se, na verdade, de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão. Enfim, o que se tem aí é um universo novo que parece realizar o sonho ou alucinação borgiana da biblioteca de Babel, uma biblioteca virtual, mas que funciona como promessa eterna de se tornar real a cada “clique” do *mouse* (SANTAELLA, 2004, p.33).

Assim, no atual contexto em que vivemos, os três tipos de leitores propostos por Santaella possuem a cognição para ler os mais variados tipos de textos, desde ícones simples a rebuscados textos, de suportes individuais a signos urbanos e coletivos. A habilidade do leitor vai desde uma simples placa de trânsito até um complexo jogo de videogame. Essa facilidade de transitar entre leituras também está presente na esfera de suportes mais específicos. A leitura de livros, por exemplo, é feita tanto em suportes mais vinculados às práticas dos leitores contemplativos, quanto em suportes mais ligados aos leitores imersivos. Percebe-se, portanto, que o leitor atual tem à disposição os suportes tradicionais de leitura, como o livro ou a revista, e os suportes eletrônicos, como o iPad³ ou o Kindle⁴. Se há alguns anos a prática de leitura de livros estava consolidada, hoje, o cenário mostra que essa prática está se modificando, com as novas possibilidades de leitura e esses novos perfis de leitores.

Este artigo pretende, assim, fazer uma reflexão sobre a relação entre os tipos de leitores apresentados por Santaella (2004), em especial o contemplativo e o imersivo⁵, e os seguintes suportes de leitura: o livro, o iPad e o Kindle, fazendo uma relação com a materialidade dos suportes, e como são exploradas as possibilidades de experiência de leituras a partir desses suportes. Com a revisão bibliográfica sobre a temática, serão analisadas as características presentes nesses três suportes de leitura – ou seja, suas materialidades – e como elas se refletem na cognição de cada tipo de leitor.

³ O iPad é um dispositivo em formato tablet produzido pela Apple Inc. O aparelho foi anunciado em 27 de janeiro de 2010, em uma conferência para imprensa no Yerba Buena Center for the Arts em São Francisco.

⁴ Kindle é um pequeno aparelho criado pela empresa americana Amazon, que tem como função principal ler livros eletrônicos e outros tipos de mídia digital. O primeiro modelo foi lançado nos Estados Unidos em 19 de novembro de 2007.

⁵ O artigo não se deterá na reflexão acerca do leitor errante, já que os suportes de leituras escolhidos para análise (livros e tablets) estão mais relacionados com os outros tipos de leitores.

Materialidades da comunicação

As possibilidades que os suportes oferecem ao leitor estimulam ou mesmo criam cognições que só são possíveis dentro do contexto do próprio suporte. Nesse sentido, é preciso destacar a importância que a materialidade exerce sobre o cotidiano dos leitores. Neste artigo, vamos abordar a materialidade a partir da análise de como os diferentes tipos de suportes demandam diferentes tipos de habilidades, principalmente com relação à escrita e à leitura.

A própria escrita é uma tecnologia que, no seu surgimento, modificou o modo de comunicação devido, principalmente, à questão de sua materialidade. Para Giovana Pampanelli (2004, p. 3), a tecnologia da escrita, no momento de seu surgimento, “trouxe o afastamento do corpo nos processos comunicacionais, uma vez que não era mais preciso a presença física para a efetivação da comunicação”. Ou seja, a materialidade da nova tecnologia moldou a nova forma de comunicação e a experiência de relações humanas.

Materialidade não está relacionada somente a matéria física e concreta. Segundo Erick Felinto (2006), a materialidade pode ser evocada em um sentido metafórico, no nível das instituições, tais como sistemas educacionais, igreja, etc., e como os instrumentos são usados predominantemente por essas instituições. Por isso, por mais que a escrita ofereça uma gama grande de instrumentos no momento da produção, podemos falar em uma única materialidade.

Para a teoria das materialidades da comunicação, no momento da produção de um livro, por exemplo, é preciso levar em consideração a questão da acoplagem, “o processo de interação entre dois sistemas” (FELINTO, 2006, p. 46). Essa acoplagem é o modo como as habilidades mentais do autor se relacionam com os instrumentos de produção. O modo de criar fica diretamente relacionado com as possibilidades que a materialidades do suporte permitem. No caso do leitor, essa acoplagem está ligada com o modo como percebemos o texto e como se dá uma nova experiência de leitura. A noção de leitura, muitas vezes, pode ser modificada pelo simples fato de utilizarmos um novo suporte, principalmente, os novos meios eletrônicos. O computador permite novas possibilidades de manipulação textuais:

“Granulação, fragmentação e paragrafação do texto são os traços recorrentes na percepção do texto propiciada na acoplagem que ocorre entre computador e leitor” (ANTONELLO, 1998, p. 205).

Já no caso de um autor que utiliza o computador para escrever, o sentido de acoplagem está na interação entre as funcionalidades que o *software* de edição de texto permite e o modo como esse autor escreve. Essa relação pode gerar como fruto um livro diferente se o mesmo autor utilizasse outras formas de registrar suas ideias. A materialidade dos suportes quando trabalhadas pelas mesmas habilidades dos autores gera resultados bem diferentes. Pierpaolo Antonello (1988), ao analisar o uso da escrita cursiva e do uso de máquinas de escrever no modo de pensar dos autores, afirma que a cognição que ambos os métodos exigem são diferentes, estimulam partes do cérebro diferentes, o que gera modos de escrever diferentes.

A escrita cursiva desenvolve um ritmo corporal assimétrico, baseado na lateralização das funções cerebrais. A introdução de mecanismos de registro, produtores de uma intermediação entre corpo e texto, está fundada numa determinada simetria do movimento corporal que, estimuladora de diferentes funções dos dois hemisférios cerebrais, talvez gere efeitos capazes de influenciar a elaboração de ideias e a escolha de formas narrativas (ANTONELLO, 1998, p. 201-202).

Friedrich Kittler, citado por Pierpaolo Antonello (1988), relata como o papel da máquina de escrever definiu muitas das ideias de Nietzsche. Devido a um problema de visão Nietzsche “abandonou” a escrita cursiva e passou a trabalhar seus textos diretamente na máquina de escrever. Para Kittler, as funcionalidades da máquina influenciaram o modo como Nietzsche passou a pensar e, ainda segundo o autor, isso ocorreu devido ao fato do cérebro trabalhar com lógicas diferentes quando escrevemos de forma cursiva ou usando outro artefato, como a máquina de escrever. O próprio Nietzsche admitiu em uma de suas cartas, datilografada, a influência da materialidade no seu modo de escrever. E um trecho ele diz que “nossos materiais de escrita contribuem com sua parte para o nosso pensamento” (apud FELINTO, 2006).

A leitura no impresso ou na tela, no que se exige do sentido da visão, em condições ideais⁶, não tem diferença. Podemos imprimir o mesmo ritmo nos dois casos e conseguir ler o mesmo número de textos. No entanto, muitos ainda só “confiam” no impresso, principalmente para leituras mais minuciosas, como revisão de textos. Segundo Antonello, “a maior parte dos escritores imprime uma versão preliminar e todas as correções e adições são feitas segundo o tradicional modelo da escrita cursiva” (ANTONELLO, 1998, p. 201-202). Pode-se até alegar que isso não está relacionado com a materialidade dos suportes, e sim com um caráter mais de “tradição cognitiva”. Mas, podemos dizer que este hábito está ligado diretamente com o fato de que os dois suportes modelam os texto de formas diferentes, a percepção que temos do mesmo texto nos dois suportes é diferente justamente pela questão da materialidade. No mundo da tela, temos a percepção fragmentada do texto, principalmente no caso dos editores de texto. A noção espacial do texto é de fragmentos que ora estão “lá na parte de cima”, ora “em um pedaço lá do meio do texto”. No caso do impresso, a percepção que temos é de uma unidade indivisível, a noção do livro como um todo, como algo fechado, único, completo.

A tela ainda, ou o computador, agrega outras possibilidades à experiência de leitura, como os hipertextos. A possibilidade de aproximar ou mesmo dissolver as fronteiras entre vários textos faz com a experiência de leitura seja totalmente diferente da dos livros. É claro que os livros permitem uma hipertextualidade, não só no nível de obras, mas no nível mental. No entanto, o que o computador vem agregar a essa forma de ler/escrever é a dinamicidade e o aumento de possibilidades. Quando um texto é rico em hipertextos, a leitura também se torna mais rica e, em contrapartida, o efeito de dispersão também pode aumentar. É justamente isso que caracteriza a mudança na experiência da leitura e é essa materialidade dos suportes eletrônicos que permite essa mudança.

Mas, tal mudança não é radical ou arbitrária, e ela é só é possível dentro das possibilidades que a materialidade do meio permite. Para Antonello, os escritores contemporâneos já fazem uso dessas tecnologias para experimentações. Essas tentativas de

⁶ Segundo Ellen Lupton (2006), estudos da Interação Homem-Computador (*Human Computer Interaction*) feitos no final dos anos 1980 provaram que um texto preto nítido sobre um fundo branco pode ser lido com tanta eficiência na tela quanto na página impressa. No item sobre *e-books* retomamos essa discussão mais profundamente.

mudanças já estão dando experiência para escritores e leitores para se sentirem confortáveis nessas novas propostas de leitura. Muitos já estão mais adaptados a essa realidade fragmentada do hipertexto do que à estrutura de fechamento do livro. Para esses leitores mais “modernos”, “a unidade do texto concebida de forma tradicional perde sentido e a escrita se transforma em um ato de estabelecer conexões, cuja ênfase reside antes na leitura que na produção do texto” (ANTONELLO, 1998, p. 204).

Essas percepções estão no nível da leitura, mas não é só nesse nível que a materialidade exerce sua influência. No momento da produção também podemos perceber sua importância. Antonello nos chama atenção para a importância do fenômeno de “paragrafação”, que é a facilidade de como as ferramentas dos editores de texto permitem o deslocamento de parágrafos. Essas possibilidades que os editores permitem fazem com que a construção dos livros seja diferente da época pré-computadores. Essa mudança é sutil, e nem percebemos claramente devido ao processo de naturalização, mas ela existe, e só é possível pelas “habilidades” da materialidade do computador.

Estudos têm demonstrado que a moldura da tela do computador pode induzir o autor a apreender e, portanto, organizar sua escrita segundo o formato da tela onde o texto é inscrito. Deste modo, o escritor visualiza o texto como uma série de blocos isolados, cuja percepção recorda a mobilidade com que na Antiguidade pergaminhos eram manuseados, embora a tela do computador imponha limites e restrições ausentes na moldura da página impressa (ANTONELLO, 1998, p. 202).

Podemos, então, imaginar que devido à introdução do computador no cotidiano de leitores e autores, a experiência da leitura pode ser totalmente modificada? Entendemos que é melhor falar em uma nova experiência, uma experiência diferente da atual, justamente porque a nova materialidade requer novas situações. Antonello não afirma, mas especula que o próprio conceito de literatura pode estar sendo afetado “pela reestruturação cognoscitiva e fenomenológica imposta por novos meios de transmissão de informação” (ANTONELLO, 1998, p. 205). O autor faz sua abordagem a partir da materialidade do computador de mesa, o *desktop*, ou mesmo computadores menores, como os *notebooks*.

É importante ressaltar também que, durante muito tempo, qualquer discurso que se aproximava do que hoje estamos chamando de materialidades da comunicação era

considerado como determinismo tecnológico, principalmente porque os estudos de comunicação, historicamente, foram “dominados pelo paradigma hermenêutico, em nossos modelos e escolas estivemos interessados eminentemente pelos fenômenos de sentido” (FELINTO, 2006, p. 33-34). O próprio Marshall McLuhan foi, durante décadas, acusado de “determinismo tecnológico” e de dar uma importância exagerada para a questão da materialidade. No livro “Galáxia de Gutemberg”, o autor faz uma análise de como as tecnologias de comunicação, principalmente a escrita e os tipos móveis, moldaram as próprias sociedades nas quais foram introduzidos.

Hoje, muitos autores e pesquisadores dão atenção à questão da materialidade e a abordagem por esse prisma começa a ser difundida.

Ainda que hoje possa parecer óbvia a noção da importância da materialidade do meio na constituição do sentido (especialmente após a célebre frase de McLuhan ‘O meio é a mensagem’), a verdade é que o pensamento teórico deu muito pouco destaque e desenvolvimento à questão. Apenas recentemente, de fato, corpo e matéria parecem retornar com vigor nas especulações das ciências humanas. (FELINTO, 2006, p. 62).

A partir desse viés da materialidade podemos analisar como os suportes – o livro e os diversos tipos de *tablets* – influenciam a experiência da leitura e as cognições dos leitores, e como explorar da melhor forma essas características únicas de cada suporte.

A evolução dos suportes de leitura e a transformação cognitiva dos leitores

A partir do que foi discutido no tópico anterior, é possível perceber que primeira diferença e a mais marcante entre os livros e os suportes de leitura eletrônicos é a materialidade desses meios. Enquanto o primeiro é essencialmente feito de papel, o segundo é um computador modificado para a prática de leitura. Só essa diferença inicial é, para muitos, razão para não se comparar os suportes. Mas uma análise mais profunda é necessária para que essa discussão não fique apenas orbitando no que Santaella (2004 p. 34) chama de “sentimentos nostálgicos”.

O livro teve sua evolução acelerada com as melhorias técnicas de impressão do século XV. Mas a sua forma já existia bem antes da “Revolução de Gutemberg”. Essa tecnologia apenas potencializou a força do livro.

Um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV) e um livro pós-Gutemberg baseiam-se as mesmas estruturas fundamentais - as do códex. Tanto um como outro são objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos. Estes cadernos são montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação. A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo isto existe desde a época do manuscrito (CHARTIER, 1998, p.7-8).

Ao longo de todos esses séculos, o livro sempre foi visto como a fonte de sabedoria e conhecimento, afinal, “ele foi instaurador de formas de cultura que lhe são próprias, que incluíram, desde o Renascimento, nada menos que o desenvolvimento da ciência moderna e a constituição do saber universitário” (SANTAELLA, 2004 p. 15). Com o livro, o leitor criou hábitos e práticas de leitura muito próprias, que sempre estiveram ligados às possibilidades que a materialidade permitia. E, hoje, diante de tantas provocações e de tantas previsões anunciando o seu fim, o livro ainda mostra que pode resistir, justamente em decorrência dessas práticas que caracterizam sua leitura.

Essa resistência do livro é classificada por José Furtado (2006) como “a resiliência do papel”. Para Furtado, “a interação humana com funcionalidades de uma máquina computacional é categoricamente diferente da interação com um livro impresso” (2006, p.134), essa interação homem objeto pode ser entendida como uma questão diretamente relacionado a materialidade. O autor usa a classificação de *affordances* do suporte livro e dos suportes digitais, estabelecida por Abigail J. Sellen e Richard Harper para mostrar as vantagens que cada materialidade permite a experiência de leitura. As *affordances* são propriedades físicas dos suportes que possibilitam a ação de ler, e essas características são únicas. São essas características peculiares que vamos comparar entre os suportes de leitura e relacionar com os tipos de leitores propostos por Santaella.

A primeira vantagem que Furtado (2006, p.140) apresenta relacionada ao livro é a *tangibilidade*:

Ao lermos um livro, temos a experiência do texto usando tanto os nossos olhos como as nossas mãos. Quando um documento é em papel, podemos ver a dimensão, manusear as páginas para calcular o seu tamanho, podemos dobrar o canto de uma página enquanto procuramos outra seção do texto.

De fato, essa é uma vantagem do livro, mas, se levarmos em conta apenas o leitor contemplativo. O leitor “ruminante” realmente necessita dessa noção de espacialidade, já que o conteúdo do livro é restrito ao próprio livro. Assim, a prática da “leitura do manuseio” (SANTAELLA 2004) do leitor contemplativo não permite que se faça *links* com outros livros, ao menos não dinamicamente, mas apenas na esfera do pensamento do próprio leitor, como explica Pierry Levy (1996, p. 35): “ao mesmo tempo que o rasgamos pela leitura ou pela escuta, *amarrotamos* o texto. Dobramo-lo sobre si mesmo. Relacionamos uma à outra as passagens que se correspondem”. Essa noção do “tamanho” do conteúdo dá uma segurança a esse leitor. Quando tomamos um livro nas mãos já temos uma primeira ideia da quantidade de conteúdo que temos à disposição. Alguns são bem finos, outros são compostos por uma grande quantidade de páginas. Essa noção de quantidade aproxima o leitor contemplativo à prática da leitura concentrada.

Já o leitor imersivo não necessita dessa espacialidade do livro, pois a sua leitura não fica restrita ao conteúdo do livro. O leitor pode ir de uma obra a outra apenas com um clique, as fronteiras entre as obras são dissolvidas. A construção da leitura do leitor imersivo não necessita da tangibilidade que o objeto livro proporciona. Ele necessita é da agilidade e da velocidade dos *tablets* como o iPad e outros tipos de computadores, com seus *links* e hipertextos. Afinal, “A leitura orientada hipermediaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis” (SANTAELLA, 2004 p. 175).

No caso do Kindle, essa tangibilidade é simulada, pois o número de páginas continua “fixo” como nos livros, mas é uma simulação. Essa tentativa de emular o livro e suas *affordances* acaba criando um hibridismo, já que se trata de um suporte com características mais voltadas para leitores imersivos, mas que tenta criar a ilusão de uma

prática de leitura contemplativa. Por mais que se tente, não é possível produzir da mesma forma essa tangibilidade. Nos *e-books* temos “problemas contextuais, como a percepção da localização no interior de um documento ou a perda da memória espacial” (FURTADO, 2006, p. 142).

A tangibilidade também é própria do suporte livro, pois, nesse caso, temos um objeto que pode ser de vários formatos. Cada formato cria (sub) práticas próprias e a tangibilidade indica qual prática cada formato exige. Essa (sub) prática é chamada por Chartier de hierarquias dos formatos:

A hierarquia dos formatos, por exemplo, existe desde os últimos séculos do manuscrito: o grande in-folio que se põe sobre a mesa é o livro de estudo, da escolástica, do saber; os formatos médios são aqueles dos novos lançamentos, dos humanistas, dos clássicos antigos copiados durante a primeira vaga do humanismo, antes de Gutemberg; o *libellus*, isto é, o livro que se pode levar no bolso, é o livro de preces e de devoção, e às vezes de diversão (CHARTIER, 1998, p. 8-9).

Nos *tablets*, essa hierarquia proposta por Chartier é dissolvida, já que todos os livros se adaptam ao tamanho da tela de cada *gadget*. Por conta disso, os designs de interface estão, atualmente, modificando o modo de apresentar o conteúdo dos livros e assim criar uma nova hierarquia de formato, próprio do mundo dos *tablets*.

A segunda *affordance* do livro destacada por Furtado é a *flexibilidade espacial*. “Os documentos em suporte de papel permitem ao leitor interagir com mais de um texto simultaneamente. Vários documentos podem ser dispostos de um modo muito próximo numa mesa de trabalho” (FURTADO, 2006, p. 140). Essa característica do livro pode ter sido um dos diferenciais que popularizaram esse suporte. Se antes, na época dos rolos⁷, o manuseio de vários exemplares era uma dificuldade, com os livros isso foi facilitado, pois não era mais preciso desenrolar todo o rolo toda vez que fosse buscar uma nova informação, bastava marcar a página do livro e abri-la sempre que necessário. Essa “leitura do manuseio” é característica do leitor contemplativo (SANTAELLA, 2004).

⁷ Rolos de papiro, papel e pergaminho, entre outros materiais, são utilizados como suporte para a escrita de textos e execução de pinturas, entres outros, com o objetivo de transmitir ou manter alguma informação ou mensagem, em alguns casos usado apenas como decoração.

Essa *affordance* também pode ser identificada no iPad ou no Kindle⁸, mas a flexibilidade espacial dos *tablets* está dentro da própria rede. Quando lemos na tela a possibilidade de *links* e hipertexto faz essa flexibilidade ser quase infinita. Podemos buscar referências em outras obras com um simples clicar. Antes, então, poderíamos abrir vários livros na mesa de estudo e mesmo assim ficávamos restritos ao número possível de livros que a mesa suportaria. Agora, podemos ter ao nosso dispor muito mais “livros” à nossa frente. A passagem de uma obra para outra nos *tablets* pode ser mais difícil do que entre um livro e outro, dispostos na mesa, mas são justamente essas adaptações que a cognição do leitor imersivo vem suprir.

A *manipulação* é a terceira *affordance* destacada por Furtado. Os livros são feitos de um material que pode ser modificado com facilidade, o papel. “É fácil para os leitores de um livro impresso anotar e acrescentar apontamentos [...], muitas vezes os leitores escrevem um documento à medida que lêem” (FURTADO, 2006, p. 140). Essa manipulação é evidente e facilita muito a vida dos leitores contemplativos. A prática de leitura “individual”, “solitária”, favorece essa prática de anotar enquanto se lê, e não só em livros. As fotocópias, tão comuns entre os estudantes de todos os níveis, são um ótimo exemplo de como é possível fazer anotações, destacar trechos, rabiscar, fazer quase todo tipo de intervenção, sem danificar a obra original. Além disso, podemos fotocopiar só alguns capítulos das obras, juntar no mesmo calhamaço de papel trechos de várias obras, criar uma obra híbrida totalmente exclusiva e ainda acrescentar anotações ao longo dessa obra híbrida.

Na tela dos *tablets*, essa manipulação é um pouco mais difícil, mas novamente temos que levar em conta em que contexto ocorre essa comparação. Nos *tablets* é possível fazer anotações ao longo do livro, mas a lógica é outra, não é simplesmente utilizar uma caneta e escrever na tela. É preciso que o sistema do dispositivo permita esse tipo de intervenção. Geralmente para esse objetivo há um sistema de notas, essas anotações ficam vinculadas as páginas onde elas foram criadas, mas para resgatá-las em outros momentos basta ativar o *menu* do dispositivo. Destacar trechos, como se faz com os marca-textos

⁸ Desde que tenham acesso à internet.

analógicos, também é um pouco mais difícil, vai depender sempre das possibilidades que os softwares dos dispositivos permitem. No Kindle, os leitores têm a possibilidade de criar *bookmarkers*, que são marcações ao longo do arquivo que funcionam como atalhos. Ao criar um *bookmarkers* em alguma página, é possível facilmente retornar para a mesma com um clique. Isso é uma forma de interagir com o texto, uma forma de manipular. No iPad, dependendo do aplicativo de leitura também é simples criar *bookmarkers*.

Furtado também destaca *affordances* que dão “vantagens” aos *tablets* nessa disputa pelos leitores. É preciso levar em conta que muitas dessas vantagens só são possíveis se analisarmos também o contexto de cada leitor. A primeira vantagem dos dispositivos eletrônicos dedicados à leitura é o *armazenamento e acesso a grandes quantidades de informações*. Dependendo do modelo o Kindle, por exemplo, pode armazenar na sua memória milhares de livros. Muitas vezes, a memória de um Kindle pode ter muito mais “livros” do que uma biblioteca de pequeno porte, vantagem também apresentada pelo iPad. Além do mais, esses dois dispositivos (dependendo do modelo) possuem acesso à internet, o que estende muito mais a capacidade de armazenamento. No livro, isso simplesmente não ocorre devido a sua própria estrutura. O conteúdo do livro é restrito ao seu suporte, portanto, todo o conteúdo possível que um livro pode apresentar já está nele. O que é novo é a atualização⁹ que cada leitor faz do texto.

O leitor de um livro ou de um artigo no papel se confronta com um objeto físico sobre o qual uma certa versão do texto está integralmente manifesta. Certamente ele pode anotar nas margens, fotocopiar, recortar, colar, proceder a montagens, mas o texto inicial está lá, preto no branco, já realizado integralmente (LÉVY, 1996, p. 39).

Como cada leitor faz as ligações semânticas dentro da própria memória com outras obras e com toda a sua bagagem intelectual, a leitura é sempre algo novo. Mas o conteúdo do livro é estático, bem diferente dos *tablets* que tem acesso ao conteúdo dinâmico da rede. O livro só armazena aquilo que as suas folhas comportam, nem mais nem menos. Mesmo

⁹ Segundo Levy (1996, p. 16-17), a “atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades. Acontece então algo mais que a dotação de realidade a um possível ou que uma escolha entre um conjunto predeterminado: uma produção de qualidades novas, uma transformação das ideias, um verdadeiro devir que alimenta de volta o virtual.

com a manipulação e a possibilidade de acrescentar notas nas bordas brancas, ainda assim esse acréscimo de conteúdo não é nem próximo do que é possível armazenar em um *tablet*.

Dentro dessa *affordance* (armazenamento) cabe também a *questão da atualização*. Com os livros virtuais é muito mais simples fazer atualizações do conteúdo. Caso algum conteúdo esteja errado ou faltando alguma parte, um simples *download* pode resolver. No entanto, se esse mesmo problema acontecer com um livro físico, essa ação fica mais complicada de ser realizada. Será preciso esperar uma nova edição da obra para que tudo seja corrigido e, mesmo assim, surge outro problema: teremos dois objetos físicos que têm quase o mesmo conteúdo. Nos *e-books*, essa substituição não existe, há somente um acréscimo.

Os *e-books* têm ainda a vantagem de serem *multimídia*, não só no conteúdo, mas na própria interação homem-máquina. Alguns livros eletrônicos têm o seu conteúdo montado com hipertextos, que podem trazer textos com sons, imagens, vídeos, etc. Essa prática de leitura, tão própria do leitor imersivo, mostra que os *tablets* estão mais coerentes a esse leitor. Os livros impressos também podem ser multimídia, já que ilustrações e imagens também são formas de multimídia. Outros recursos também são muito utilizados para agregar características multimidiáticas aos livros impressos. Muitas publicações vêm com recursos sonoros, como CD e MP3, que devem ser acionados quando sua leitura chega em determinada página do livro. Há ainda tentativas de interação, com recursos em algumas publicações, como aquelas voltadas para o público infantil, que trazem partes móveis que se deslocam de acordo com o estímulo que a criança provoca. No entanto, esses recursos não representam uma verdadeira definição de multimídia. Podemos dizer que se trata de uma “multimídia analógica”, já que não há uma verdadeira junção dos conteúdos, diferente do elo nos *e-books*, no qual os conteúdos diversos estão imbricados e suas fronteiras se desfazem.

Os *e-books* têm outra vantagem que Furtado chama de “*Full-text*”: a capacidade de pesquisas rápidas dentro do conteúdo. “As pesquisas por palavras-chave possibilitam aos leitores encontrar rapidamente informação específica em documentos de grande dimensão.” (FURTADO, 2004, p. 141). Com relação a essa *affordances*, realmente, os dispositivos

eletrônicos de leitura têm muitas vantagens em relação ao livro. No entanto, se levarmos em consideração como ocorre a prática de leitura do leitor contemplativo, essa função não se apresenta tão relevante. A leitura contemplativa é linear. A necessidade de se fazer saltos não é prioridade do leitor, ele segue uma lógica cronológica, salvo em obras que necessitam desses saltos.

Mas, algumas categorias de livros que adotam essa lógica de saltos sentiram a vantagem dos *e-books readers*. É o caso dos dicionários e enciclopédias. Nessas duas categorias de livros, a leitura é não-linear, não começamos na primeira página e seguimos lendo até a última. A leitura se dá por estímulo de busca. Com o recurso de palavras-chave esse tipo pesquisa fica muito mais simples. Nesse contexto, a superação dessas categorias de livros pelos *e-books* é clara.

Considerações finais

A palavra impressa teve certamente seu reinado abalado. Os *tablets*, com seus ícones, chegaram provocando profundas transformações na prática da leitura. Entretanto, cada suporte pode ter seu próprio lugar e público. Os *tablets* têm o seu espaço porque o próprio leitor mudou: se antes ele praticava uma leitura linear, fechada, silenciosa, hoje ele pode percorrer os hipertextos e as hiperlinks que os dispositivos eletrônicos apresentam, em um ritmo muitas vezes frenético. É preciso entender que os suportes envolvidos nessa “disputa” têm materialidades distintas, o que afeta a experiência de leitura.

No entanto, o medo que se tanto espalha no mundo das letras de que esse leitor irá abandonar o livro e a leitura contemplativa terá seu fim não se justifica. Essa nova cognição, que surgiu bem antes dos *tablets*, não anula a anterior. A prática da leitura imersiva convive sem problemas com a prática contemplativa. “Ao contrário, não parece haver nada mais cumulativo do que as conquistas da cultura humana” (SANTAELLA, 2004, p. 19).

O mais importante nesse cenário é entender que é preciso estabelecer padrões de produção próprios de cada suporte. O mercado atual dos *e-books* está em uma fase de

adaptação, procurando encontrar explorar as possibilidades que a materialidade dos *tablets* permite, para trazer a melhor experiência de leitura possível. O que se vê é que ainda há muita confusão nesse mercado, para os produtores a emulação dos livros ainda é a melhor saída mercadológica. No entanto, a experiência da leitura no livro impresso é única, as possibilidades que a materialidade do *códex* permitem são únicas, é preciso explorar as novas possibilidades que as materialidades dos novos suportes podem agregar à experiência da leitura. É preciso buscar uma “gramática” própria para os novos suportes. O modo de dizer as coisas vai alterar o que é dito. O conteúdo produzido para os novos suportes, principalmente os *tablets*, terá que ser adequado às cognições exigidas dos novos leitores. Cair na ilusão de que apenas a emulação é suficiente para suprir as necessidades dos leitores é cair no erro. Também devemos levar em consideração o gosto dos usuários/leitores. O fato de ser possível agregar vários recursos aos *e-books* como opacidade do texto, animação, áudio, etc. não significa que o leitor queira isso.

Por fim, é importante destacarmos a importância da teoria das materialidades da comunicação para essa discussão. Durante muito tempo qualquer discurso que se aproximava dessa abordagem teórica era considerado como determinismo tecnológico, principalmente porque os estudos de comunicação, historicamente, foram “dominados pelo paradigma hermenêutico, em nossos modelos e escolas estivemos interessados eminentemente pelos fenômenos de sentido” (FELINTO, 2006, p. 33-34). Hoje muitos autores e pesquisadores dão atenção à questão da materialidade e a abordagem por esse prisma começa a ser difundida. Refletir, portanto, sobre as materialidades da comunicação pode contribuir de forma significativa para as discussões acerca da questão da leitura e tudo que envolve esse campo. Assim, este artigo pretendeu justamente contribuir com essa reflexão, pois acreditamos que uma melhor compreensão acerca da influencia desses dos novos suportes de leitura sobre a cognição humana é fundamental para o entendimento dos processos comunicativos contemporâneos em toda sua amplitude.

Referências

ANTONELLO, Pierpaolo. Ordinauter: a tela e a página. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org). **Interseções: a materialidade da comunicação**. Rio de Janeiro: Imago/EDUERJ, 1998.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

FELINTO, Erick. **Passeando no Labirinto: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

FURTADO, José. **O Papel e o Pixel**. Do impresso ao digital: continuidades e transformações. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.